

Argentinos escolhem quem tentará tirar o país de crise permanente; libertário Javier Milei é favorito

América Latina

Cansada da velha política, Argentina busca saída contra crise permanente

— Favorito, o libertário Javier Milei enfrenta hoje o atual ministro da Economia, Sergio Massa, e a opositora macrista, de direita, Patricia Bullrich, no primeiro turno das eleições

CAROLINA MARINS

ENVIADA ESPECIAL A BUENOS AIRES, SALTA, RIO GALLEGOS E SAN LUIS

Do deserto mineiro de Salta, onde a pobreza e o descaço do Estado são uma realidade há décadas, ao sul da Patagônia governada pela família Kirchner há 20 anos, a Argentina terá hoje uma eleição definidora em sua história. A reportagem do **Estado** percorreu nas últimas duas semanas mais de 4 mil km ouvindo o que pensam os eleitores, questionando políticos locais e observando o cenário pré-eleitoral. De norte a sul do país, o que se vê é um rompimento com os velhos nomes da política.

Mesmo em lugares nos quais pautas como dolarização e venda de órgãos parecem desconectadas da realidade local, o candidato libertário Javier Milei, defensor dessas ideias, encontrou um clima de abandono, frustração e uma certa vontade de “explodir tudo”. O cenário criou um terreno fértil inédito para o colapso de uma lógica clientelista operada há décadas pelo peronismo no interior da Argentina.

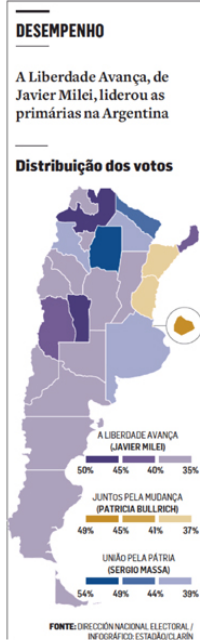
Parte do sucesso de Milei se deve ao rechaço ao peronismo em consequência do mal avaliado governo de Alberto Fernández e de seu ministro da Economia, Sergio Massa, candidato da situação. Quem vota no libertário fala em romper com a “velha política” que, na avaliação da maioria, aprofundou uma permanente crise econômica, que hoje combina uma inflação de quase 140%, pobreza acima de 40% e desvalorização da moeda.

Enquanto isso, a candidata de oposição macrista, Patricia Bullrich, tem enfrentado dificuldades. No clima de polarização entre peronismo e anti-peronismo, o argentino não encontra espaço para uma direita alternativa a Milei. O vínculo de Bullrich com o establishment — sua família é abastada e tradicional na política argentina — tira as credenciais para executar a mudança drástica que o país necessita, argumentam eleitores.

FEBRE MILEI. A Província de Salta, no norte, aglutinou o sentimento de bronca que os argentinos vivem da política: nas pri-



Nota de dólar gigante com o rosto de Javier Milei no encerramento de sua campanha em Buenos Aires; ele propõe dolarizar a economia



márias, metade da província elegeru Milei. Em povoados mais distantes, essa votação passou de 60%, como em San Antonio de Los Cobras, onde vive Aní-

bal Franco, de 30 anos. Ele diz estar cansado de ver peronistas no poder e vai votar em Milei. Franco trabalha com mineração e diz que, ainda que não seja um emprego ruim, o salário não é suficiente. “Onde está a igualdade e a justiça social que dizem? Não existe”, diz.

A cor predominante nas ruas é o amarelo da coalizão A Liberdade Avança. Nas ruas, jovens se vestem como o “Peluca” (um dos apelidos de Milei, que significa “peruca”) e pedem votos.

RECHAÇO AO PERONISMO. Já no centro do país, na Província de San Luis, o sentimento de cansaço levou ao apoio em massa a Milei nas primárias e tirou do poder local velhos nomes.

Menos amarela que Salta, mas com muitas imagens e cartazes da campanha de Milei, San Luis vivia um clima intenso pré-eleitoral. Na Praça Pringles, jovens tentavam fazer campanha para Sergio Massa em uma pequena tenda, mas poucos se aproximavam. Patricia Bullrich escolheu a cidade como um dos pontos para encerrar sua campanha.

No sul do país, a temperatura política, ao menos na superfície, parece diferente. Em Rio Gallegos, capital da Província de Santa Cruz, cidade natal de Nestor Kirchner e berço do kirchnerismo, quase não se veem cartazes a favor de Milei. No

máximo alguns panfletos de sua coalizão nas calçadas.

Ainda assim, ele também foi o mais votado nas primárias, para surpresa absoluta dos kirchneristas. Dentro do círculo político de Alicia Kirchner, governadora em retirada e irmã de Néstor, o voto expressivo de Milei veio como um choque.

Nas ruas, quase ninguém fala em quem se pretende votar. Mas Milei levou a província nas primárias com 28% dos votos, seguido pela coalizão peronista com 21%. O clima de silêncio faz analistas acreditarem que ali houve um “voto de vergonha” no libertário, em

portantes, especialmente frente a um baixo engajamento dos eleitores. O voto é obrigatório, mas, nas primárias, mais de 30% decidiu não participar, um dos números mais altos dos últimos 40 anos.

As eleições nacionais costumam ter um nível de participação maior que as primárias, mas não se sabe se o eleitor desencantado ficou convencido com alguma das candidaturas. “Ninguém se aventura em ser contundente em um prognóstico, os cidadãos tem uma enorme resistência a responder pesquisas, o que dificulta realizar estudos e na hora de construir cenários: pode ocorrer de tudo”, afirma o analista e codiretor da Droit Consultores. “Talvez o mais provável seja um segundo turno entre Milei e Massa.”

Em sua avaliação, se Milei obtiver menos que 35% com uma diferença pequena para Massa, ainda que seja uma vitória, será vista como menos contundente que a esperada, e pode dar ao peronismo chances de sonhar com uma virada. Já uma vitória acima de 35% com uma diferença maior que 6 pontos será uma consolidação de seu favoritismo.

Pela regra, para um presidente ser definido hoje, é necessário obter mais de 45% dos votos, ou 40% com uma diferença de 10 pontos percentuais do segundo colocado. ●

Regra
Para ganhar em 1º turno, candidato precisa de 45% dos votos, ou 40% com 10 pontos de vantagem

que se vota, mas não se admite. Os números são ainda mais impressionantes quando considerado que Milei não fez campanha ali, nem teve candidatos provinciais para governo ou Legislativo. A isso acrescenta-se o fato de que, pela primeira vez em 30 anos, nenhum kirchnerista estará no governo.

Embora sejam eleições definidoras na história da Argentina, o consultor político Pedro Buttazzoni relata em classificações como uma das mais im-

